

"Um hálito de dor sopra com o vento, / um eco de inquietude se propaga. / A jusante e a montante há um lamento, / a percorrer as águas fraga a fraga. // No bafo do mormaço há um sedento / grito. Cresta o ambiente crua praga. / De onde, pela aflição, o pensamento / se turba vem na poeira um ai que esmaga. // De pedra, as mãos, os peitos e edifícios; / papéis, ouvidos, trânsito, de pedra; / de pedra os fariseus cheios de vícios. // Mas entre as pedras o clamor de agora / é semente tenaz, que depois medra, / banhada pela luz de grande aurora."

Conhecendo bem todos os segredos da arte poética, Linhares Filho oferece ao leitor, em seu novo livro, numerosas modalidades de poemas, principalmente odes e elegias, construídos em variados metros com diversificados sistemas rítmicos ou em versos brancos ou livres. Sua preferência pelo verso de sete sílabas - talvez de melhor ritmo - é indisfarçável, aparecendo até em sonetos, costumeiramente elaborados, inclusive por ele próprio, em decassílabos. Como exemplo temos o sonetinho "Doação dos Corpos", um dos melhores do livro, de que transcrevo apenas o segundo quarteto, bastante expressivo: "No teu brando olhar habita / o roteiro dos meus passos. / Quando me inunda o teu cio, / navego-te em meus abraços."

O volume se divide em três partes, não muito bem caracterizadas por particularidades temáticas ou de intenção: "Frutos Temporãos", "Frutos Inconhos" e "Frutos Outonais". Talvez a segunda parte justifique o título sob que aparece pela afinidade e estima do poeta em relação a pessoas e mestres da literatura. O título da terceira deve ter sido inspirado pelo "Soneto dos Quarenta Anos" com que se inicia. Há, de fato, nesta parte, poemas de tons outonais, mas é preciso ser muito pessimista para considerar essa marca etária (quarenta anos) como começo do outono. O povo diz que a vida começa aos quarenta. E a voz do povo é a voz de Deus. Isso pode, até, não ser verdade, mas é, pelo menos, bastante confortável para os que atingiram ou ultrapassaram essa marca.

## TEMPO DE COLHEITA

FRANCISCO CARVALHO

Leio *Tempo de Colheita* - o mais recente livro de poemas de Linhares Filho, Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor do Departamento de Letras Vernáculas, do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará.

Conhecendo, de longa data, o seu indiscutível talento poético e o extremo rigor de sua consciência literária, não constituiu nenhuma surpresa, para mim, o fato de constatar que na sua poesia atual continuam a prevalecer aqueles mesmos predicados e aqueles mesmos valores que a tornaram conhecida, respeitada e admirada entre nós.

Espírito essencialmente crítico, sensibilidade vigilante, absoluto domínio do artesanato e dos complexos problemas da linguagem e das micro-estruturas de que se compõem os contextos literários, Linhares Filho comporta-se, em todos os momentos, como um poeta que se desincumbe serenamente dos seus privilégios de escritor; um poeta que tudo conhece e tudo sabe sobre os fenômenos de que se constela o universo da poesia.

O aspecto social, o aspecto ético, o aspecto filosófico, o aspecto estético e o aspecto religioso - todas essas dimensões, além do aspecto existencial e do metafísico, estão harmoniosamente articuladas na engenhosa trama metafórica dos seus poemas.

Sua poesia, aliás, sempre se evidenciou por uma atmosfera de religiosidade extraordinariamente marcante. Verifico, agora, que essa conotação mística de sua veia poética assumiu novo colorido e entonações mais profundas. Não apenas se respira esse clima de religiosidade a partir do título do livro, impregnado de sugestões bíblicas, mas sobretudo em algumas peças de conteúdo religioso explícito, como é o caso dos sonetos "Além da Estrada de Damasco", "Um dos de Emaús" e "Esperança" e também no poema "Oferenda", com seu marcado feitiço de oração.

Há momentos de verdadeira e intensa poesia nos textos enfeixados em *Tempo de Colheita*. Escrevendo em versos livres ou praticando a versificação de feitiço tradicional, o desempenho poético do autor é sempre relevante e sempre nos impressiona pela marca pessoal, pelo rigor, pela beleza e pela expressividade. Linhares Filho é um conhecedor profundo de todos os labirintos da palavra, de todos os matizes e magnetismos do verso, sem esquecer "os segredos da arte de erguer universos com a constelação dos signos", na feliz expressão do crítico Sânzio de Azevedo.

É incontestável a densidade lírica dos poemas do seu último livro. Alguns dos seus sonetos adquirem uma expressividade muito grande e é fora de dúvida que isso acontece pela forma inovadora como foram elaborados. Um exemplo é a bela quadra com que se inicia o "Soneto do Amor Efêmero":

*Fugaz momento o de uma febre acesa  
no limite da espera e da partida.  
Viva inquietude a da alma dividida  
pela mão segurada sobre a mesa.*

A poesia de Linhares Filho, se não adota o discurso social explícito, em consonância com o figurino da chamada arte poética engajada, nem por isso deixa de ser um documento extremamente sensível e extremamente representativo dos anseios e aspirações da sociedade contemporânea. Sobretudo o seu canto se volta para os oprimidos, para os desamparados da vida e para os "que só têm migalha": "Geme o vento norte / pelos mais sem sorte. / Geme o vento sul / pelos pobres nus".

O poema "Elegia do Suicida da Torre" é outro dos textos do livro que mostram claramente o rumo da bússola poética do autor de *Tempo de Colheita*.

Extremamente preocupado com os aspectos formais de sua poesia, cujos processos de elaboração são bastante valorizados pela responsabilidade com que o poeta costuma encarar o seu ofício de escritor, Linhares Filho consegue o difícil equilíbrio de conciliar as suas ambições de modernidade com a valorização estética da linguagem literária.

Estou convencido de que este poeta não se coloca ao lado daqueles para os quais só existe poesia a partir da expressão ostensiva de sentimentos ideológicos. O grande Jorge Luís Borges, falecido recentemente, teve a coragem de dizer que procurava nos livros a emoção estética. E não sei de ninguém que o tivesse contestado. A mediação estética, para Linhares Filho, é um referencial de indiscutível relevância na formulação do texto literário. Releva salientar que a densidade metafísica é outra dimensão preponderante na poética do autor cearense.

Gostaria de fazer um destaque especial para o poema "Romanceiro de um Morto Vivo", sobre a morte de Tancredo Neves. É sabido, aliás, que a morte do político mineiro deu ensejo a uma enxurrada de poemas medíocres, conforme se viu em alguns dos suplementos literários que se publicam no País. O poeta Linhares Filho, o que não é surpresa para ninguém, ultrapassou brilhantemente essa medianidade literária. Na realidade, ele escreveu um dos melhores textos poéticos sobre a morte de Tancredo Neves. Alguns dos segmentos do poema são realmente muito bons. É o caso, por exemplo, dos números 3, 4 e 5.

Estas notas apenas para dizer das excelentes impressões que me causaram os poemas mais recentes de Linhares Filho. Ao lado do grande crítico cuja eficiência todos lhe reconhecemos e aplaudimos, convive, nele, um poeta de superior categoria, em perfeita sintonia com os mistérios do mundo e com "o momento agônico do homem contemporâneo".

## A COLHEITA POÉTICA DE LINHARES FILHO

SÂNZIO DE AZEVEDO

QUANDO, após uma estada de quase sete anos em São Paulo, retornei ao Ceará em 1966, trazendo a poesia bissexta dos meus *Cantos da Longa Ausência*, editados nesse mesmo ano, encontrei os meios literários de minha terra animados com o surgimento de um novo grupo de jovens escritores. Era o chamado Grupo SIN, que teria efêmera duração, mas que marcaria sua presença nas letras com a publicação, em 1968, da *Sinantologia*, reunindo textos de Barros Pinho, Horácio Didimo, Inês Figueiredo, José Leão Júnior, Lêda Maria, Linhares Filho, Pedro Lyra, Roberto Pontes, Rogério Bessa e Rogério Franklin. Ao tempo dessa coletânea, onde se vêem alguns nomes que se projetaram, já haviam estreado em livro Horácio Didimo (*Tempo de Chuva*, 1967), Pedro Lyra (*Sombras*, 1967),